miguilim
revista eletrônica do netlli
volume 4, número 1, jan-abr 2015

O DUPLO EM "TIGRELA", DE LYGIA FAGUNDES TELLES

●

THE DOUBLE IN "TIGRELA", BY LYGIA FAGUNDES TELLES

Rebecca Demicheli SAMPAIO
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 16/04/2015 ● APROVADO EM 05/09/2015

Abstract

The short story "Tigrela", by Lygia Fagundes Telles, from her book *Seminário dos ratos* (1997), exposes the character Romana, who is frustrated with preceding Love experiences and sets into a peculiar relationship with a tigress, going to live with it. In a troubled and marked by jealousy relation, Tigrela is understood as a Romana's second facet. The current study proposal is to investigate the double in the short story, and in order to do so, theoretical support was searched in Carraté (1994) and Rank (2013). So, this work elucidates the problem of the double, as a combat between Romana and the tigress for the appropriation of the same space is evidenced.

Resumo

O conto "Tigrela", escrito pela autora Lygia Fagundes Telles e publicado em sua obra *Seminário dos ratos* (1977), apresenta a personagem Romana, uma mulher que, frustrada com experiências amorosas anteriores, desenvolve um relacionamento peculiar com uma tigresa, passando a viver com ela. Numa relação conturbada e marcada pelo ciúme, a tigresa é entendida como a representação de uma segunda faceta de Romana. O presente trabalho tem como objetivo investigar a questão do duplo no conto, com base em aporte teórico constituído por Carraté (1994) e Rank (2013). Dessa maneira, este estudo elucida a problemática do duplo, na medida em que se evidencia um embate entre Romana e a tigresa pela apropriação de seu espaço.

Entradas para indexação

Keywords: Double personality. Fantasy literature. Female subject. Tigrela.
Palavras-chave: Dupla personalidade. Literatura fantástica. Sujeito feminino. Tigrela.

Texto integral

INTRODUÇÃO

O conto "Tigrela", escrito pela autora Lygia Fagundes Telles e publicado originalmente em 1977 em sua obra *Seminário dos Ratos*, expõe a história de Romana, uma mulher que, assolada pelo insucesso nas relações amorosas e pela solidão, apresenta um quadro de instabilidade emocional. Ela desenvolve um relacionamento peculiar com uma tigresa, passando a viver com ela. Numa relação conturbada e marcada pelo ciúme, Tigrela é entendida como a segunda faceta de Romana – seu duplo. Dessa forma, é travado um embate entre a tigresa e sua dona pela apropriação do mesmo espaço.

Escritora e jurista, Lygia Fagundes Telles nasceu no ano de 1923, na cidade de São Paulo. Consagrada pela crítica, destaca-se pelas obras premiadas *Verão no Aquário* (1965), *As meninas* (1974) e *Antes do baile verde* (1970). Lygia é membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras e teve seus livros publicados em diversos países. Sua obra de natureza engajada busca representar a condição do ser humano através de temas de densidade existencial, por meio da exploração do imaginário e da fantasia; dessa maneira, o fantástico sempre foi tema recorrente em suas produções.

O presente estudo tem por objetivo investigar a questão do duplo no terceiro conto da obra *Seminário dos Ratos*, "Tigrela", por meio de estudos realizados por Juan Bargalló Carraté (1994) e Otto Rank (2013) sobre o tema, de forma a entender como ocorre a relação entre a condição feminina e o surgimento do duplo na narrativa.

O DUPLO: UMA INTRODUÇÃO

Na história da literatura, desde seus primórdios, encontramos o tema do duplo como assunto principal de muitas obras renomadas. Constatamo-lo presente na consciência mitológica de povos antigos e nas reflexões de grandes pensadores das civilizações mais remotas. Carraté (1994, p. 11-12) afirma que o fenômeno do duplo nasceu no momento em que nossos antepassados começaram a se disfarçar, "tornando-se, por consequência, impenetráveis para si mesmos e para os outros". Na literatura, essa situação é atestada desde os textos homéricos, em que os deuses aproveitavam-se do estreito vínculo existente entre o disfarce e o engano. Essa situação ocorre, por exemplo, no mito grego de Anfitrião, no qual, enquanto este se encontrava no campo de batalha, o deus Júpiter apodera-se de sua forma física para poder entrar em seu castelo e dormir com sua esposa.

Rank (2013) aborda o tema em suas raízes, discutindo a origem do duplo a partir da crença na dualidade da alma – e na sombra como um símbolo desta – como uma tentativa dos povos primitivos de vencer o temor da morte.

> A crença na alma originou-se do desejo de vencer este medo, e daí sobreveio a divisão da Personalidade em duas partes – uma mortal e outra imortal. Estas duas partes, uma que aparece e desaparece, enquanto a outra é visível continuamente, são similhantes, ou pouco se diferem – corpo e sombra. (RANK, 2013, p. 100).

O significado da morte, desde os tempos do homem primitivo, esteve ligado à sombra. Em diversas partes do mundo e épocas diferentes, constatamos a existência de uma pluralidade de crenças que relacionam esses dois elementos. A sombra, que num primeiro momento é vista como uma espécie de "espírito protetor", passa a ser associada à chegada da morte. Essa suposição ocorre devido a outras crenças que afirmam que, no momento da morte, "o gênio aparece à pessoa e se junta à sombra" (RANK, 2013, p. 89). Dessa forma, a significação benéfica dessa crença primitiva é substituída pelo medo. Rochholz (1860, apud RANK, 2013, p. 89) comenta: "Assim sendo, a sombra do homem que, durante sua vida, era um enviado para protegê-lo, se transforma em um fantasma assustador que o persegue e vitima até a morte".

Com o passar do tempo, o duplo passou a ser cada vez mais explorado no campo da literatura, sob múltiplos pontos de vista, transcendendo as crenças primitivas, tornando-se objeto de estudo recorrente entre estudiosos da literatura e da psicanálise, tendo se sobressaído na era romântica, na Alemanha, quando a questão da dupla personalidade passou a ser abordada: enquanto na literatura clássica a personalidade era sólida e unificada, no movimento romântico o homem passou a ser o centro das sensações e alvo de todos os sentimentos reversos, numa criação resultante de um jogo de processos conscientes e inconscientes, produzindo um sujeito inerentemente contraditório. Carraté (1994, p. 12) afirma

que "[...] o duplo aparece de repente, quando o eu tenha tido a experiência de outro dentro de si", o que sugere a cisão interna de um indivíduo afetado por impulsos antagônicos.

A partir de então, com a difusão da temática do duplo na literatura, consagrados autores passaram a explorar a questão da dupla personalidade em suas obras, nas mais diversas formas, adentrando o terreno do fantástico. Oscar Wilde, Edgar Allan Poe e Guy de Maupassant, cada um a seu modo, introduziram em seus trabalhos o tema do duplo como a representação de uma cisão interna do indivíduo sucedida devido a fatores de ordem psicológica. O desdobramento do indivíduo frequentemente suscita num embate travado entre a personalidade original e a segunda personalidade – sendo que esta, na maioria dos casos, exerce dominação sobre a primeira. Por esse motivo, "[...] as histórias de duplos terminam tão amiúde em um homicídio que é, por sua vez, um suicídio" (DOLEZEL apud CARRATÉ, 1994, p.16). Na literatura moderna, portanto, o duplo se encontra frequentemente atrelado a temas como o medo, a culpa, a loucura, o amor, o ciúme, a vida e, ainda, a morte.

O DUPLO EM "TIGRELA"

O conto "Tigrela", de Lygia Fagundes Telles, apresenta a enigmática personagem Romana, uma mulher em estado emocional desequilibrado. Ela se encontra, eventualmente, num café, com uma antiga amiga do tempo de escola, que não é nomeada. Essa amiga, que exerce o papel de narradora-testemunha, relata, em discurso indireto, a conversa que teve com Romana nesse encontro. Esta revela detalhes de sua frustrada vida amorosa, que a tem deixado perturbada. Romana apresenta um estranho comportamento, perceptível desde o início da narrativa:

> Encontrei Romana por acaso, num café. Estava meio bêbada mas lá no fundo da sua transparente bebedeira senti um depósito espesso subindo rápido quando ficava séria. Então a boca descia, pesada, fugidio o olhar que se transformava de caçador em caça. Duas vezes apertou minha mão, Eu preciso de você, disse. Mas logo em seguida já não precisava mais e esse medo virava indiferença, quase desprezo, com um certo traço torpe engrossando o lábio. (TELLES, 2009, p. 33).

Romana parece estar muito mudada. De uma adolescente bela e alegre, tornou-se uma mulher amargurada, apresentando um aspecto depressivo do início ao fim da narrativa. Separada do quinto marido, sofre com o fracasso familiar, a solidão e o insucesso nas relações amorosas, parecendo não se enquadrar no meio em que vive. A narradora comenta, a respeito da drástica mudança da amiga: "Voltava a ser adolescente quando ria, a melhor da nossa classe, sem mistérios. Sem perigo. Fora belíssima e ainda continuava mas sua beleza corrompida agora era triste até na alegria" (TELLES, 2009, p. 33).

Logo no início da conversa, encontramos o elemento insólito, no momento em que Romana revela que, depois da última separação, passou a viver num apartamento de cobertura com uma pequena fêmea de tigre, caracterizada por possuir "dois terços de tigre e um de mulher" (TELLES, 2009, p. 34), desenvolvendo um relacionamento peculiar com ela. A tigresa e sua dona parecem vivenciar uma íntima ligação, e os detalhes a respeito da relação entre as duas provoca certo efeito de estranhamento e confusão. Romana afirma, a respeito de seu envolvimento com Tigrela:

> Dois terços de tigre e um terço de mulher, foi se humanizando e agora. No começo me imitava tanto, era divertido, comecei também a imitá-la e acabamos nos embrulhando de tal jeito que já não sei se foi com ela que aprendi a me olhar no espelho com esse olho de fenda. Ou se foi comigo que aprendeu a se estirar no chão e deitar a cabeça no braço para ouvir música, é tão harmoniosa. Tão limpa, disse Romana [...]. (TELLES, 2009, p. 33).

Primeiramente apresentada como um exótico presente de um ex-marido, Tigrela, rapidamente, assume um aspecto muito mais complexo do que o de um simples tigre. A tigresa manifesta um aspecto humanizado pelas palavras de sua dona, a começar pelo próprio nome – que constitui o título do conto e sintetiza o que encontramos ao longo da narrativa. Formado pela fusão entre o substantivo "tigre" e o pronome pessoal feminino "ela", o nome ressalta a afirmação de que Tigrela teria uma ligação muito mais íntima com Romana do que a de um animal com sua dona. Essa conduta humanizada é acentuada à medida que avançamos a narrativa: "Tigrela gostava de joias e de Bach, sim, Bach, insistia sempre nas mesmas músicas, particularmente na *Paixão Segundo São Mateus*" (TELLES, 2009, p. 36); "Tigrela só come legumes, ervas frescas e leite com mel, não entra carne em casa, que carne dá mau hálito" (TELLES, 2009, p. 37). Enquanto isso, Romana é "animalizada" pelo discurso da narradora, que descreve seu comportamento peculiar, incomum para uma mulher emocionalmente equilibrada: "Colheu com a ponta dos dedos uma lâmina de gelo que derretia no fundo do copo. Trincou-a nos dentes e o som me fez lembrar que antigamente costumava morder o sorvete" (TELLES, 2009, p. 34). Suas personalidades parecem estar, de certo modo, fundidas.

Esse efeito de estranhamento provocado no leitor é característico do gênero fantástico. Para Todorov, o fantástico na literatura é conceituado como oscilação entre a crença na sobrenaturalidade dos fenômenos apresentados e a certeza da existência de uma explicação capaz de esclarecê-los à luz das leis naturais. O autor traça sua definição como "a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural" (TODOROV, 1975, p. 31). Nesse caso, estamos frente ao fenômeno do duplo, uma de suas expressões, em que uma mesma identidade – a mulher comprometida emocionalmente – se desdobra em duas encarnações diferentes: Romana e Tigrela. Neste conto, a relação entre essas duas versões da mesma identidade é caracterizada pelo contraste entre uma entidade humana (Romana) e uma

entidade não humana (a tigresa). Em "Tigrela", o incerto, o inconstante, o improvável são elementos dominantes na narrativa, acentuados à medida que conhecemos detalhes sobre o comportamento de Romana e da tigresa e da relação existente entre as duas.

Romana continua seu relato, e uma outra questão vem à tona: a tigresa e sua dona, apesar do misterioso magnetismo que as une, têm vivido em conflito há algum tempo. Numa relação conturbada, Romana sente-se sufocada pelo ciúme de Tigrela, que a impede de relacionar-se e de envolver-se amorosamente com outras pessoas como antes; mesmo assim, não consegue cortar seus laços com ela, pois se encontra numa posição de submissão em relação ao animal selvagem. A dominação que a tigresa exerce sobre Romana fica evidente em diversos trechos do conto, como no que a própria Romana relata:

> Estranhei, Yasbeck tinha ficado de telefonar e não telefonou, mandou um bilhete, O que aconteceu com seu telefone que está mudo? Fui ver e então encontrei o fio completamente moído, as marcas dos dentes em toda a extensão do plástico. Não disse nada mas senti que ela me observava por aquelas suas fendas que atravessam vidro, parede. Acho que naquele dia mesmo descobriu o que eu estava pensando, ficamos desconfiadas mas ainda assim, está me entendendo? Tinha tanto fervor... (TELLES, 2009, p. 39).

Podemos perceber, de forma clara no conto, o trágico problema de um indivíduo que luta contra sua dupla personalidade. Um embate é travado entre a tigresa e sua dona pela apropriação do mesmo espaço. Romana sabe que, no confortável apartamento estilo mediterrâneo, não há mais lugar para as duas:

> Só eu sei que cresceu, só eu notei que está ocupando mais lugar embora continue do mesmo tamanho, ultimamente mal cabemos as duas, uma de nós teria mesmo que... Interrompeu para acender a cigarrilha, a chama vacilante na mão trêmula. (TELLES, 2009, p. 35).

Essa situação de confronto é típica dos textos que abordam o tema da dupla personalidade. Carraté (1994, p. 16) afirma que

> geralmente, as duas encarnações de uma mesma identidade se comportam com um enfrentamento crescente entre elas, como se se tratasse de mostrar que não há lugar para duas manifestações de um único e mesmo indivíduo em um mesmo mundo.

Em "Tigrela", a tensão do conflito é reforçada, pois verificamos uma rivalidade entre um ser humano e um animal selvagem, o que intensifica o medo e dificulta o trabalho de Romana de livrar-se da tigresa, que passa a dominá-la. Ela declara abertamente que tem consciência de que Tigrela possa matá-la a qualquer momento quando diz: "Não usa o fio dental porque não come nada de fibroso, mas se um dia me comer sabe onde encontrar o fio." (TELLES, 2009, p. 37). Esse medo que se apodera de Romana de ser devorada pela tigresa pode ser constatado, ainda, quando a narradora relata:

> Aninha [a empregada] dorme no apartamento? Perguntei e Romana teve um sobressalto, como se apenas naquele instante tivesse tomado consciência de que Aninha chegava cedo e ia embora ao anoitecer, as duas ficavam sós. (TELLES, 2009, p. 36).

Desde os primórdios da história da literatura, o tema da morte frequentemente acompanha o tema do duplo. Como forma de vencer o medo de perecer, os povos mais antigos acreditavam na dualidade de alma, que teria uma encarnação mortal – o corpo – e uma versão imortal – a alma, representada pela sombra. Apesar disso, sombra e duplo são conceitos distintos: "enquanto que a sombra se forma e projeta gradualmente e vai mudando a partir de um juízo de valor, o duplo aparece de repente, quando o eu tenha tido a experiência de outro dentro de si" (CARRATÉ, 1994, p. 12), o que nos remete à questão da dupla personalidade. O duplo seria a representação dessa segunda faceta, que se desprende do corpo perto do momento da morte. Por isso, a sua aparição é uma evidência de que a morte está próxima. Ou seja, o mesmo duplo que protege o indivíduo do aniquilamento é o que ameaça, anunciando, com a sua aparição, a chegada do perecimento. Rank comenta a relação entre os dois temas, afirmando que "[...] tendo sido criado originalmente como uma defesa contra [...] a temida destruição eterna, [o duplo] reaparece na superstição como um mensageiro da morte" (RANK, 2013, p. 152). Por isso, sua aparição é recorrentemente caracterizada como um acontecimento deplorável.

De fato, no conto analisado, a atmosfera de morte é perceptível. A narradora, ao mesmo tempo em que percebe o medo que Romana sente de Tigrela, a forma como o animal selvagem a intimida, o momento em que "a nódoa roxa apareceu em seu pescoço" quando ela afrouxou o laço da echarpe (TELLES, 2009, p. 38), ela ouve da própria Romana seus relatos de tentativa de homicídio – ou melhor, de levar a tigresa ao suicídio. Comumente, nos casos de duplo na literatura, quando as personalidades se dão conta de que não há espaço para ambas no mesmo mundo, iniciam uma disputa, a fim de uma eliminar a outra, de forma que a maioria das histórias que abrangem esse tema têm um trágico desfecho, em que ambas as personalidades acabam sucumbindo.

Romana relata que, em consequência do excessivo ciúme, Tigrela muitas vezes tentou suicídio, "quis se atirar do parapeito do terraço, que nem gente, igual" (TELLES, 2009, p. 34). Sempre foi fácil mantê-la sob controle, pois só tenta se matar quando está bêbada, e, nesses casos, basta a dona fechar a porta que dá para

o terraço; porém, com o passar do tempo, a relação entre as duas foi ficando cada vez mais conturbada, e Romana passou a desejar e a estimular o suicídio da tigresa. Ela revela esse secreto desejo no momento em que diz:

> Ainda não aconteceu mas vai acontecer [...]. Uma noite dessas, quando eu voltar para casa o porteiro pode vir correndo me dizer, A senhora sabe? De algum desses terraços... Mas pode também não dizer nada e terei que subir e continuar bem natural para que ela não perceba, ganhar mais um dia. (TELLES, 2009, p. 37).

O conflito da dupla personalidade, neste conto, é aparentemente desencadeado pela depressão de Romana que, por não ser bem-sucedida no campo familiar, sente-se deslocada no meio em que vive. Solitária e assolada pelo fracasso nas relações amorosas, ela é conduzida a um quadro de depressão e desequilíbrio psicológico, acompanhado do desejo de suicídio e, consequentemente, do surgimento do duplo. Este, por sua vez, diz respeito à questão da identidade do sujeito, que é dividida em duas. Romana, a mulher suscetível, fragilizada pelas frustrações amorosas e frequentemente vítima de recaídas, é enfrentada por Tigrela, uma fêmea de tigre bastante preocupada com a aparência, que gosta de espelhos, de joias e de aparar as unhas. Ciumenta e dominadora, entra em desespero com o surgimento de Yasbeck, antigo amor de Romana, e não mede esforços para evitar que o casal se encontre novamente:

> Você acredita que ela conhece minha vida mais do que Yasbeck? E Yasbeck foi quem mais teve ciúme de mim, até detetive punha me vigiando. Finge que não liga mas a pupila se dilata e transborda como tinta preta derramando no olho inteiro, eu já falei nesse olho? É nele que vejo a emoção. O ciúme. Fica intratável. Recusa a manta, a almofada e vai para o jardim [...]. Fica lá o dia inteiro, a noite inteira, amoitada, posso morrer de chamar que não vem, o focinho molhado de orvalho ou de lágrimas. (TELLES, 2009, p. 38).

Como na maioria dos casos de desdobramento do eu na literatura, o duplo, em "Tigrela", exerce dominação sobre a personalidade original, tornando-se um adversário, um inimigo que precisa ser combatido. A cisão interna da protagonista pode ser entendida como a representação do conflito existencial que a aflige, devido à sua instabilidade nos relacionamentos amorosos. Esse quadro de depressão acarreta o surgimento do duplo e, consequentemente, a chegada da morte. Romana deseja veementemente o suicídio de Tigrela; o que ela não sabe é que não há possibilidade de eliminá-la sem destruir a si mesma. Péclier (1995, apud MELLO, 2000, p. 119) estabelece um tipo de relação do indivíduo com o duplo, no qual "a vida de um depende da do Outro". Portanto, sendo sua tigresa a outra face do eu, que habita em si, a morte dela suscitaria, inevitavelmente, a morte de Romana.

Romana relata que, certa vez, enquanto se arrumava para jantar fora, a tigresa teve uma atitude curiosa:

> Uma noite, enquanto eu me vestia para o jantar, ela veio me ver, detesta que eu saia mas nessa noite estava contente, aprovou meu vestido, prefere vestidos mais clássicos e esse era um longo de seda cor de palha, as mangas compridas, a cintura baixa. Gosta, Tigrela? perguntei, e ela veio, pousou as patas no meu colo, lambeu de leve meu queixo para não estragar a maquilagem e começou a puxar com os dentes meu colar de âmbar. Quer para você? perguntei, e ele grunhiu, delicada mas firme. Tirei o colar e enfiei no pescoço dela. Viu-se no espelho, o olhar úmido de prazer. Depois lambeu minha mão e lá se foi com o colar dependurado no pescoço, as contas maiores roçando o chão. (TELLES, 2009, p. 36).

Essa passagem do texto é de crucial importância para a compreensão do inusitado desfecho da narrativa. No último parágrafo do conto, a narradora relata que Romana, que durante a conversa controlava o horário de forma apreensiva, comunicou que precisava se retirar, como se tivesse algum compromisso marcado à meia-noite. Então ela diz: "Já vou indo. Volto tremendo para o apartamento porque nunca sei se o porteiro vem ou não me avisar que de algum terraço se atirou uma jovem nua, com um colar de âmbar enrolado no pescoço" (TELLES, 2009, p. 40).

O enunciado de Romana (a última frase do conto) provoca um efeito de incerteza que não é solucionado, típico da literatura fantástica. Segundo Todorov (1975, p. 32), "[...] há de cada vez o 'mistério', o 'inexplicável', o 'inadmissível', que se introduz na 'vida real', ou no 'mundo real', ou ainda na 'inalterável legalidade cotidiana'". Tigrela seria realmente uma tigresa cheia de características exóticas ou uma jovem? Estamos defronte de um animal selvagem ou de uma mulher? Quem se suicida: a tigresa ou sua dona?

Romana relata que, antes de sair de casa, havia deixado uísque na tigela da tigresa, pois esta "[...] só tenta o suicídio quando está bêbada" (TELLES, 2009, p. 34). Ao mesmo tempo, Romana, no bar, ingeria a mesma bebida, o que sugere mais uma vez a fusão, o entrelaçamento das duas identidades e o forte vínculo existente entre a Tigrela e sua dona. Interpretando a tigresa como o duplo de Romana, depreende-se que, no caso de um suicídio, ambas estariam sendo eliminadas, pois não há a possibilidade de uma existir sem a presença da outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma análise sob o viés do duplo, Romana e Tigrela podem ser entendidas como duas versões da mesma personalidade: a primeira, como a personalidade original; a segunda, como a dupla personalidade. Essa cisão interna, causada devido ao estado de instabilidade emocional da protagonista, é elucidada por Rank (2013, p. 143), que afirma que "o duplo [...] simboliza um sujeito que se vê dividido em dois, movido por forças antagônicas que lutam internamente e podem levá-lo à autodestruição". Dessa maneira, é possível esclarecer o combate travado entre a tigresa e sua dona, que, numa disputa pela apropriação do mesmo espaço, encontram como solução o homicídio – que é, ao mesmo tempo, um suicídio.

Referências

CARRATÉ, Juan Bargalló. Hacia una tipologia del doble: el doble por fusión, por fisión y por metamorfosis. In: BARGALLÓ, Juan (Ed.). **Identidad y alteridad***:* aproximación al tema del doble. Sevilha: Alfar, 1994. p. 11-26.

FREITAS, Adelina Helena Lima. O duplo na literatura e na psicanálise: William Wilson. In: EDLER, Sandra Paes Barreto et al (Org.). **Escritos sobre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2009. p. 139-150.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, F.; CAMPOS, M. do C. (Org.). **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 111-123.

RANK, Otto. **O duplo**: um estudo psicanalítico. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

TELLES, Lygia Fagundes. **Seminário dos Ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica***.* São Paulo: Perspectiva, 1975.

Para citar este artigo

SAMPAIO, Rebecca Demicheli. O duplo em "Tigrela", de Lygia Fagundes Telles. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 4, n. 1, p. 46-55, jan.-abr. 2015.

A autora

Rebecca Demicheli Sampaio é graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Português pela Universidade de Caxias do Sul. Bolsista no projeto de pesquisa intitulado Configuração da mulher leitora na contemporaneidade (LEITORA), coordenado pela Profª Drª Cecil Jeanine Albert Zinani.